



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VIVIANE FERREIRA RAMALHO

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOCIAIS/ SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA PARA
DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE ADULTOCENTRISMO COM/NOS
ASPECTOS APOLÍNEOS E DIONISIÁCOS**

Arraias, TO

2023

Viviane Ferreira Ramalho

**Contribuições dos estudos sociais/ Sociologia da Infância para discussões
contemporâneas sobre adultocentrismo com/nos aspectos apolíneos e dionisíacos**

Artigo avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário Dr. Sérgio Jacintho Leonor, curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Pedro Rubini Dutra

Arraias, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R165c Ramalho, Viviane Ferreira.

Contribuições dos estudos sociais/ Sociologia da Infância para discussões contemporâneas sobre adultocentrismo com/nos aspectos apolíneos e dionisiacos. / Viviane Ferreira Ramalho. – Arraias, TO, 2023.
35 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Pedro Rubini Dutra

1. Adultocentrismo. 2. Sociologia da infância. 3. Debates contemporâneos.
4. Apolíneo. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Viviane Ferreira Ramalho

**Contribuições dos estudos sociais/ Sociologia da Infância para discussões
contemporâneas sobre adultocentrismo com/nos aspectos apolíneos e dionisiacos**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 07/ 07/ 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cristian Pedro Rubini Dutra, UFT

Prof. Dra. Luciana Pereira Sousa, UFT

Prof. Me. Edivaldo dos Santos Junior, UFT

RESUMO

O presente trabalho teve como intuito precípua analisar as contribuições dos estudos sociais/sociologia da infância para discussões contemporâneas sobre adultocentrismo com/nos aspectos apolíneos e dionisíacos. Com enfoque na ideia de infância apolínea, que traz a concepção de uma infância purista, e dionisíaca, de uma infância endiabrada (JENKS, 2002) e dentro de debates contemporâneos a partir de sentimentos como o saudosismo e da sensação de *locus amoenus* (a infância como paraíso perdido) a pesquisa desenvolveu-se mediante um estudo documental, abordando exemplos culturais, tal qual sendo subsidiada a partir do apoio teórico de autoras e autores como Sarmiento (2005), Castro (2002), Jenks (2002), Corsaro (2011) Àries (1981), entre outros. Ao fim da pesquisa concluiu-se que, as discussões contemporâneas sobre o papel das crianças na sociedade têm sido impactadas pelos trabalhos dos Estudos Sociais/Sociologia da Infância mediante contribuições de alguns estudiosos que defendem a necessidade de modificar as concepções atuais sobre a existência de uma infância universal, além de proporcionar ambientes democráticos para que as crianças possam manifestar-se e desenvolver-se em igualdade de condições com os adultos.

Palavras-chaves: Adultocentrismo. Sociologia da infância. Debates contemporâneos. Apolíneo. Dionisíaco.

ABSTRACT

This paper aims primarily to analyze the contributions of social studies/sociology of childhood to contemporary discussions on adultocentrismo in its Apollonian and Dionysian aspects. Focusing on the notion of the Apollonian childhood, which embodies the concept of a purist childhood, and the Dionysian childhood, characterized by a mischievous nature (JENKS, 2002), the research unfolded within present-day debates that evoke feelings of nostalgia and a sense of *locus amoenus* (childhood as a lost paradise). The study employed a documentary approach, examining cultural examples, and drawing theoretical support from authors such as Sarmento (2005), Castro (2002), Jenks (2002), Corsaro (2011), Aries (1981), among others. The research concluded that current discussions on the role of children in society have been influenced by Social Studies/Sociology of Childhood, particularly through the work of scholars who advocate for the need to modify current conceptions regarding the existence of a universal childhood. Moreover, it highlights the importance of providing democratic environments where children can express themselves and develop on equal terms with adults.

Key-words: Adultocentrismo. Sociology of Childhood. Present-day Debates. Apollonian. Dionysian.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 INFÂNCIA APOLÍNEA	13
3 INFÂNCIA DIONISÍACA.....	17
4 CAPÍTULO DE DEBATE	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A sociologia da infância desenvolve um papel de muita relevância nas discussões que abrangem as crianças e as infâncias. Prestes (2013) trata disso ao apresentar que:

A Sociologia da Infância é uma área da sociologia que busca entender a sociedade por meio do estudo da criança e que ganhou destaque no campo das pesquisas científicas na segunda metade do século XX. Além de defender a criança como autora social e a infância como uma categoria socialmente construída, *a sociologia da infância tem contribuído expressivamente com estudos das crianças e das infâncias*. (PRESTES, 2013, p.296, grifos meus)

O conceito de infância passou por inúmeros processos de ressignificação até chegar a contemporaneidade e a criança ser reconhecida como sujeito de direitos. Ariès (1981) assinala que a infância adquiriu distintos significados no raciocínio humano conforme cada contexto da história. Müller (2006, p. 554) cita que “Concepções sobre a infância variam historicamente e as crianças estão em contínua mudança.”

Jenks (2002) apresenta que durante muito tempo as crianças são alvos interpretativos dos adultos e esses veem a necessidade de caracterizar a infância, contudo apesar de inmensuráveis investigações realizadas por teóricos de diversas áreas, o conceito de infância ainda é incerto, pois não há um acordo estabelecido, tornando-o enigmático. O referido autor menciona que:

desde os primeiros diálogos socráticos e ao longo da história das ideias, os teóricos da moral, da sociedade e da política têm sistematicamente tentado constituir uma percepção de criança compatível com as suas percepções particulares da vida social e com suas especulações sobre o futuro. (JENKS, 2002, p. 185).

Jenks (2002, p. 190) afirma que “A humanidade vê na criança o seu passado imediato, mas contempla também a imortalidade do seu futuro imanente.” Para o autor:

Na perspectiva de uma diversidade de disciplinas, perspectivas e interesses, a infância é vista como uma fase, um processo estruturado de se tornar ser, mas raramente como um curso de ação ou uma prática social coerente. As metáforas do ‘crescimento’, tão comuns nas discursões acerca da infância, pertencem à natureza daquilo que está para ser e que, contudo, é já pressuposto. A criança é então dita como: algo ‘que vai ser’; uma *tábula rasa*; o assentar dos alicerces, a modelagem do indivíduo; a apropriação; a inadequação; a inexperiência; a imaturidade e por aí adiante. (JENKS, 2002, p. 193, grifo do autor).

Também é profícua a contribuição de Corsaro (2011, p. 18) ao anunciar que é banal que os adultos tenham essa ótica acerca das crianças, analisando-as não com base no que são, mas no que serão, no que poderão vir a se tornar no futuro, e assim negligenciam o que são no

presente, ou seja, sujeitos com interesses e que têm uma vida em constante desenvolvimento. Logo,

É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural porque tendemos a pensar nela exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade. (CORSARO, 2011, p.16).

Uma ótica unilateral e adultocêntrica acerca da infância embasa as discussões que analisam a criança como um indivíduo que está sendo moldado para viver em sociedade. Assim pois, para abarcar o debate do assunto diálogo com Faria; Santiago (2015, p. 73) que declaram que “[...] por meio do adultocentrismo, o protagonismo dos meninos e das meninas é apagado na busca da construção e legitimação de um modelo de indivíduo e sociedade.” tais afirmações dá muito sentido a velha e famosa frase: *as crianças são o futuro do planeta/ humanidade*. Na psicologia dos adultocêntricos só os adultos pensam, só os adultos sabem, só os adultos podem, só os adultos vivem, só os adultos existem.

Faria e Santiago (2015) qualificam o adultocentrismo como,

[...] um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea. Ele atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultos no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, tornando esse momento da vida apenas uma passagem, apenas um vir a ser, em que aprendemos a nos relacionar e a nos integrar à sociedade. (FARIA; SANTIAGO, 2015, p. 73).

Os autores supracitados (2015) ainda pronunciam que:

A infância, na perspectiva adultocêntrica, é somente um período de transição e de aquisição dos elementos simbólicos presentes na sociedade, tendo a criança, assim uma condição de ser menor, ser inferior, lugar que lhe é dado pelo grupo dominante correspondente: os adultos e as adultas. (FARIA; SANTIAGO, 2015, p. 73).

O adultocentrismo se apoia na ideia do *déficit*, isto é, de que a infância é uma fase incompleta, um período da vida que o indivíduo exibe uma ausência acentuada de condições para desenvolver infindas atividades, simplesmente por ser criança. Deste modo, o parecer adultocêntrico avalia as crianças como inferiores por considerar que essas ainda não estejam preparadas fisicamente, psicologicamente e culturalmente para contribuir com a sociedade.

Pauto-me nas concepções de Sarmiento (2003, p.3) que expõe criticamente que a infância é vista como “[...] uma geração desprovida de condições autónomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta.” Ele ainda menciona que:

[...] Esta ideia do *déficit* é inerente à negatividade na definição da criança, que constitui um pressuposto epistémico na construção social da infância pela modernidade: criança é o que não fala (*infans*), o que não tem luz (*o a-luno*), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não é imputável, o que não tem responsabilidade parental ou judicial, o que carece de razão, etc. (SARMENTO, 2003, p. 2-3, grifos do autor).

Sarmiento (2005, p. 373) em consonância com Corsaro (2011, p.22) que corrobora ao enfatizar que “[...] as crianças agem e podem trazer mudanças à sociedade” propugna que essas são seres capazes de pensar, interpretar e assimilar, sendo hábeis o suficiente para analisar a sociedade, compreender e se relacionar com tudo e todos que o cercam, inclusive consigo mesmas. Em vista disso, ambos se declaram contrários às convicções que identificam a criança como tábula rasa, agente passivo, inoperante e incapaz de impactar a realidade.

O livro *História Social da Criança e da Família* de Ariès (1981), evidencia a relevância da socialização na vida da criança, inspirando apropriações teóricas que compreendem a criança como um ser social, posicionando-se a partir de uma crítica às análises da infância e das crianças que se baseiam em aspectos majoritariamente biológicos para explicá-las e entendê-las. Em suma, os estudos de Ariès apresentaram a concepção de que a ideia de infância é uma criação social, decorrente de uma mudança de princípios morais e de perspectivas que se revelaram a partir do final da Idade Média¹.

Assim pois, Ariès apresentou uma nova interpretação histórica e social para a infância, tal qual para a família.

Sarmiento (2005) assevera que:

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objeto sociológico, regatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. (SARMENTO, 2005, p. 363).

¹Acreditava-se que, logo após o desmame, as crianças passavam a acompanhar os adultos para serem inseridas no mundo do trabalho. Eram criadas por outras famílias, vestiam-se e eram tratadas como "adultos em miniatura". Devido à ausência de sentimentos específicos em relação à infância, eram comuns as práticas de infanticídio e a fácil substituição das crianças. O aspecto de maior valor era o trabalho por elas ofertado. Nesse contexto, a Igreja e a Escola no Renascimento (século XVII) foram fundamentais para transformar esse cenário, estabelecendo uma distinção clara entre o mundo adulto e o infantil.

O sociólogo britânico Chris Jenks, citado mais acima, apresenta a ideia de que a infância pode ser classificada pela dicotomia de duas concepções, sendo elas o apolíneo e o dionisíaco. Estes termos são originários da mitologia grega e enquanto apolíneo está relacionado ao deus grego Apolo (deus do sol e das artes), dionisíaco tem relação com o deus Dioniso (deus do vinho e dos impulsos). Na contemporaneidade a infância apolínea é avaliada como mais cobiçável e necessária, em oposição a infância dionisiaca é reconhecida como desnecessária e inclusive ameaçadora.

De acordo com os estudos de Jenks ambos, apolíneo e dionisíaco, não agem isoladamente e conforme o ambiente histórico, social e cultural em que as crianças estão inseridas, estas podem estar em contato com as duas categorias de infância em diversas intensidades, sendo até mesmo um modo de compreender a dualidade da vida humana.

Atualmente vigora a noção de uma infância singular que faz com que os adultos contemplem as crianças com uma perspectiva exclusiva, esta é, que essas são frágeis, delicadas, submissas e, portanto, inabilitadas para pensar e agir por si próprias, sendo assim dependentes do adulto. Ademais, esse mesmo panorama especula as crianças como sendo indivíduos naturalmente angelicais, puros, como sendo aquelas que não possuem nenhuma mácula, todavia, o conceito dionisíaco nos revela uma outra faceta da “infância” que não se limita a essa imagem idealizada pelos adultos.

Esse imaginário do adulto acerca dessa infância universal promove sentimentos nostálgicos que fazem com que este sinta saudades e aspiração de voltar no tempo e reviver essa fase da vida, e com o saudosismo vem a sensação de *locus amoenus*, em outros termos, da infância como um paraíso perdido, não só porque se trata de um ciclo encerrado e impossível de ser revivido, mas também porque os adultos sentem que essa infância perfeita e inocente a cada dia se perde no contexto da era tecnológica e midiática da qual estamos vivendo. De acordo Müller (2006, p. 559):

O mito da infância inocente vem se rompendo. Isso é evidenciado quando as crianças demonstram conhecimentos mais elaborados do que os dos próprios adultos, no que se refere às informações veiculadas nos programas televisivos e até no tipo de vocabulário empregado em certas situações.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como intento precípuo analisar as contribuições dos estudos sociais/ sociologia da infância para discussões contemporâneas sobre adultocentrismo com/nos aspectos apolíneos e dionisíacos.

Divide-se em objetivos específicos: Explorar as principais concepções teóricas que analisam a criança como um ser capaz de impactar e transformar a realidade; Identificar os liames entre os aspectos apolíneos e dionisiacos no desenvolvimento e perpetuação de uma infância determinada majoritariamente por não-crianças (adultocentrismo); sondar os debates contemporâneos acerca da infância a partir de sentimentos fundamentados no conservadorismo como o saudosismo e a sensação de *locus amoenus* (a infância como paraíso perdido).

Este estudo se justifica pela necessidade de esquadriharmos a criança por uma outra perspectiva que não seja a do adulto, para assim, de fato, compreendermos o que é este ser, desconstruindo estigmas acerca de que existe uma infância universal pautada no aspecto apolíneo que caracteriza a criança e que determina o que é congruente e o que não é com essa faixa-etária, por conseguinte deixando a própria criança de lado quando esta deveria estar no cerne das discussões que englobam sua vida, seus anseios e interesses.

Portanto, faz-se vital considerar a criança como parte integrante da sociedade com a capacidade de transformá-la, levando em conta também as diferentes maneiras que existem de viver essa fase da vida, sem prescrições e/ou censuras.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: Introdução, Infância apolínea, Infância dionisiaca, capítulo de debate e considerações finais.

2 INFÂNCIA APOLÍNEA

A infância apolínea, sendo guiada pela natureza do deus Apolo (racionalidade e disciplina), é definida pelo equilíbrio e obediência, sendo essa uma infância disciplinada em que as crianças são controladas por limites severos, bem como são provocadas a cumprir normas determinadas pela sociedade, mais precisamente pelos adultos. Nela a imaginação e a espontaneidade não têm muita relevância, visto que o objetivo é conservar uma estrutura inalterável e presumível em favor de uma infância considerada mais “saúdável”, desta forma as crianças são instruídas a conter seus impulsos e a controlar as vontades súbitas.

A criança apolínea seria aquela com característica dócil, meiga, angelical. E é com essa visão purista que muitos adultos definem a criança, como um ser imaculado. Castro (2002, p.50) nos apresenta que “a figura de fragilidade e inocência da infância só se realizou em conjunção com esta outra figuração, a do adulto, racional e autônomo.”

Como já apresentado, a igreja foi crucial na mudança de panorama acerca da construção do conceito de infância e o mito da infância inocente tem suas raízes fundadas neste marco da história quando a referida instituição conectou a figura da criança com a de anjos que emanavam candura. A partir daí iniciam-se os discursos sobre a suscetibilidade da criança, suas particularidades e os cuidados com a sua moralização, desta forma a noção de inocência infantil teve grande impacto na sociedade, sendo valorizada atualmente como algo auspicioso e necessária de ser adquirida.

A canção *Era uma vez* (1998), assim como tantas outras da música brasileira que abordam a infância, apresenta em sua composição essa ideia de que as crianças são absolutamente puras. A música trata acerca da necessidade das crianças abraçarem a felicidade sem se permitirem ser influenciadas pelas complicações do mundo adulto. Os versos: *Uma história de amor, de aventura e de magia, só tem a ver quem já foi criança um dia* expõem a concepção de que as crianças são sujeitos que habitam uma terra mágica não sendo ainda contaminadas pelos transtornos da vida adulta. Logo, a música citada pode ser pensada como um apelo à conservação dessa ideia de pureza da infância.

O que é, o que é? (1992), é mais um exemplo de canção que reforça a ótica de que a infância é caracterizada pela pureza e inocência, destacada nos versos: *fico com a pureza das respostas das crianças*.

O personagem *anjinho* da *Turma da Mônica*, também é uma expressão bastante influente da infância casta, em função deste ser simbolizado como uma criatura virtuosa e benévola que defende as crianças de toda maldade. Desta forma, emite a ideia de que aqueles

que ainda não atingiram a fase adulta são vulneráveis e, portanto, precisam ser zelados e protegidos.

A infância pura não é propagada somente nas canções e nos desenhos infantis, mas também está presente na literatura infantil, mais evidentemente nas fábulas, histórias curtas que têm como personagens animais. As fábulas transmitem no final lições morais que reforçam a ideia de infância apolínea ao motivar as crianças a terem disciplina e se comportarem de modo virtuoso. Como exemplos: *A Cigarra e a Formiga* - ensinam as crianças a não serem preguiçosas; *A Lebre e a Tartaruga* – a não serem arrogantes; *A Raposa e as Uvas* – a não desdenharem do que não podem ter; *A Raposa e a Cegonha* – a não fazerem com os outros aquilo que não querem pra si; *O Pastor Brincalhão* – a não mentirem, *O Leão e o Rato* – a não menosprezar os outros, etc.

Tal qual nas artes plásticas, como exemplo as obras do artista Piet Mondrian, pintor holandês afamado por suas pinturas abstratas que são fundamentadas em formas geométricas simples e com cores primárias, aduz a concepção de ordem e simetria, sendo muitas vezes utilizadas no ordenamento de quartos infantis com o intuito de promover um ambiente tranquilo e harmônico que ajude as crianças a se conectarem com seu eu apolíneo.

O panorama de uma infância única caracterizada pelo aspecto apolíneo é resultado de uma espécie de pensamento conservador que apresenta resistência a mudanças. E com uma simples pesquisa no *YouTube* é possível nos depararmos com inúmeros canais que valorizam a cultura adulta do saudosismo, como exemplo pode ser citado as *Member Berries*, a expressão diz respeito as pessoas que possuem uma convicção quimera de que o passado era melhor que o presente, e que as crianças de outrora eram mais “puras” que as da contemporaneidade.

As *Member Berries* são representadas por frutas vermelhas que se encontram na série animada *South Park*, fazendo uso do sarcasmo político e cultural tendo como propósito fazer uma alusão saudosa à cultura popular da década de 80 e 90. Desdenhando os assuntos vigentes na sociedade e no mundo as *Member Berries* fomentam a resistência em aprovar modificações e repugnam as diferenças. Assim pois, representam os personagens que ingerem as frutas, que relembra o passado, como sujeitos naturalmente manipuláveis e que são motivados pela nostalgia.

A concepção de Jenks (2002) sobre a infância apolínea é uma desaprovação de que a infância é uma etapa natural e intrínseca do desenvolvimento humano, e que a criança é um objeto que deve ser educado para atender as expectativas do adulto.

Jens Quortrup (2011) apresenta nove teses que sustentam que as crianças integram o mundo e que, portanto, faz-se fulcral inclui-las nos debates políticos, sociais e econômicos que

regem uma nação, posto que, todos esses elementos impactam e interferem diariamente no cotidiano dos pequenos. Porém, contrariando as nove teses de Quortrup, no prisma do adultocentrismo as crianças não estão exclusas somente dos debates globais, mas também do mundo social, Sarmento (2005) nos explica que:

Há uma negatividade constituinte da infância, que, em larga medida, sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social. A própria etimologia encarrega-se de estabelecer essa negatividade: *infância* é a idade do não falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo; o *aluno* é o sem-luz; criança é quem está em processo de criação, de dependência, de trânsito para outro. Como consequência, as crianças têm sobretudo linguística e juridicamente sinalizadas pelo prefixo de negação [...] a negatividade constitutiva da infância exprime-se na ideia da menoridade: a criança é o que não pode nem sabe defender-se, o que não pensa adequadamente (e, por isso, necessita de encontrar quem o submeta a processos de instrução), o que não tem valores morais (e, por isso, carece de ser disciplinado e conduzido moralmente). (SARMENTO, 2005, pág. 365, grifos do autor).

A perspectiva adultocentrica prevalece com bastante vigor em muitos discursos acerca da criança e da infância apontando o que é adequado e o que não condiz com essa faixa-etária, assim como assinala Othon (2021, p. 221) ao ressaltar que “Os marcos históricos e as construções sociais da infância têm relação direta com as narrativas que debatem o que é apropriado para uma criança, e o que não condiz com sua condição.” A respeito Sarmento (2005) enfatiza que:

Longe de ser meramente constituída por factores biológicos, correspondentes ao facto de ser integrada por um grupo de pessoas que têm em comum estarem nos seus primeiros anos de vida, a infância deve a sua natureza sociológica, isto é, o constituir-se como um grupo com um estatuto social diferenciado e não como uma agregação de seres singulares, à *construção histórica de um conjunto de prescrições e de interdições, de formas de entendimento e modos de actuação, que se inscrevem na definição do que é admissível e do que é inadmissível fazer com as crianças ou que as crianças façam*. (SARMENTO, 2005, p. 367, grifos meus).

A posição adultocentrica não somente dita o que as crianças podem fazer, vestir, comer, etc. como também os lugares que estas podem ou não frequentar, como é o caso da “onda” *Childfree*. Lima e Santos (2021) nos informa que esse Movimento:

surgiu nos Estados Unidos, nos anos 70, para agrupar e representar pessoas que tomaram a decisão de não ter filhos. Ao longo do tempo, a tendência foi penetrando nos diversos setores da sociedade e chegou ao mercado consumidor, no qual o termo *Childfree* assumiu a conotação de ‘espaço livre de crianças’. A ideia ganhou adeptos e, atualmente, existem vários estabelecimentos comerciais, no Brasil, e no mundo, que

ofertam bens e serviços ‘só para adultos’, restringindo o ingresso de crianças em suas dependências. (LIMA; SANTOS, 2021, p. 282, grifos do autor).

O filme *Matilda* (1996) apresenta um exemplo de discurso adultocêntrico na fala do pai da personagem principal, que leva o mesmo nome da obra, sendo esta uma criança de oito anos. Ele diz “Eu sou esperto, você é burra; eu sou grande, você é pequena; eu estou certo; você está errada, e não tem nada que você possa fazer a respeito disso.” Esta frase reproduz a visão de adultos burlescos que ignoram a opinião da criança simplesmente pelo motivo de serem crianças, desta forma elas são avaliadas como seres sem autonomia e credibilidade. Mas será que não temos nada a aprender com elas? Kramer (2000) assegura que sim ao proclamar que:

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem [...] defendendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãos, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância. *Pode nos ajudar a aprender com elas.* (KRAMER, 2000, p. 5, grifos meus).

Faria e Santiago (2015) defendem a importância de questionar e romper com as concepções e práticas colonizadoras e eurocêntricas vigentes no modo como a infância é interpretada e tratada na perspectiva adultocêntrica em distintas culturas. O que compreende contrapor-se as normas que potencializam as desigualdades e anulam outras percepções de mundo, tal qual silenciam as vozes e limitam a autonomia das crianças. Deste modo, tais autores defendem o protagonismo infantil e uma relação, entre adultos e crianças, que seja mais intercultural, dialogada e emancipatória. Inclusive nas relações entre professor e aluno tais autores destacam a imprescindibilidade de eliminar as práticas de ensino aprendizagem fundamentadas em concepções bancárias que valorizam o antagonismo das crianças e colocam o docente numa posição de único detentor do conhecimento.

A infância idealizada pelos adultos é predominantemente apolínea, mas uma vez que não estamos tratando de uma infância universal, entretanto de infâncias plurais podemos considerar que nem todas as crianças apresentam características apolíneas, para essa afirmação fazer sentido basta nos lembrarmos dos personagens infantis *Cebolinha* e *Denis, o pimentinha*, estes, assim como outros, são retratos da criança dionisíaca, aquela que apresenta uma característica endiabrada e inobediente, representada por Jenks (2002) como a “criança selvagem”.

3 INFÂNCIA DIONISIÁCA

A infância dionisiáca, guiada pela natureza do deus Dionísio, (Irracionalidade e impulso) é determinada pela ousadia. É uma infância desinibida em que a engenhosidade é prezada, deste modo as crianças têm a liberdade de explorar tudo o que está ao entorno delas sem demasiadas restrições. Na infância dionisiáca as crianças são encorajadas a seguir seus impulsos e a exteriorizar suas aspirações e sentimentos sem receio de serem alvos de críticas. A concepção dionisiáca pode ser compreendida como a busca por experimentações intensas que alcançam não somente a logicidade, como também as sensações, isto é, o afloramento do espírito aventureiro.

Esse modelo de infância tem sido constantemente ameaçado pela sociedade hodierna que estabelece uma rotina sobrecarregada de regras que visam moldar as crianças, desta forma impondo limites as suas habilidades e obstando que estas explorem o mundo e desenvolvam suas competências de âmbito emocionais e sociais.

A infância é discernida pelo sistema paternalista como uma fase perfeita, eximida de impasses e afligimentos. Contudo, faz-se imprescindível destacar que tratar de uma infância universal pautada no aspecto apolíneo é equivalente a excluir milhares de crianças, em virtude de que nem todas apresentam possibilidade de viver de modo símil, tampouco apresentam as mesmas características, e assim o conceito de infância deve ser convertido para infâncias. A respeito da pluralidade das infâncias Jenks (2002) afirma que:

A ideia de infância é um constructo social e não algo de natural; como tal, o seu estatuto constitui-se em formas de discurso particulares, socialmente localizadas. [...] Somos assim confrontados com diferentes crianças ‘teóricas’ que servem os diferentes modelos teóricos de vida social dos quais emergem [...] as diferentes imagens e representações da criança são fruto dos diferentes mundos sociais teóricos que habitamos. (JENKS, 2002, p. 214).

Na letra da canção *Era uma vez* (1998) nos versos: *Uma história de amor/ de aventura e de magia/ só tem a ver/ quem já foi criança um dia*, retrata de forma nítida o mito de que há uma unicidade no que tange à criança e o seu modo de viver, assim pois surge um conflito, uma vez que se pensarmos a infância pelo panorama apresentado na letra da música, podemos afirmar que somente uma pequena parcela da população é e já foi criança um dia. E quanto a outra? Ou melhor, as outras? Acerca desse questionamento ABRAMOWICZ et al., (2009) aborda que:

Criança e infância são conceitos que têm sido configurados como unívocos. Juridicamente, com base também nas ciências biológicas, considera-se criança toda a pessoa na faixa etária entre 0 e 12 anos. Já a infância tem sido construída como um bolsão de sentidos que se sobrepõe a todas as crianças. Trata-se, então, de um conjunto de sentidos normativos que, de maneira geral, prescrevem o seu brincar, o seu tempo, a sua sociabilidade, a estética, a higiene, os hábitos, etc. e enfatizam o caráter disciplinar do que é ser criança. Nesse sentido, a infância guarda relação com povo. Como numa prescrição revela uma concepção de criança que pressupõe determinada infância [...] Dessa forma, *é vista como aquela que tem ou não infância* [...] O que sabemos, entretanto, é que criança é um intervalo populacional que abarca todas as crianças. Há bilhões delas, de todos os jeitos e em toda a parte, vivendo diversas infâncias, em diversos tempos. Criança e infância são, portanto, múltiplas [...]. (ABRAMOWICZ et al., 2009, p.192-193 grifos meus).

São comuns popularmente frases como “ah, como é bom ser criança!” ou “que saudade da minha infância, tempo bom!” Expressões de teor nostálgico como essas sugerem que “a infância” seja uma fase maravilhosa, descomplicada e próxima da perfeição. Esse costuma ser o prisma de diversos adultos acerca do período da infância, partindo da ideia de que essa seja uma fase isenta de responsabilidades, que ser criança é habitar em um mundo lúdico e encantador e que suas únicas tarefas são brincar e ir para a escola. Todavia é sensato considerar que há diversos fatores que determinam o estilo de vida de um indivíduo como aponta Sarmento (2005):

As condições sociais em que vivem as crianças são o principal factor de diversidade dentro do grupo geracional. As crianças são *indivíduos* com a infância percorrem diversos subgrupos etários e varia a sua capacidade de locomoção, de expressão, de autonomia de movimento e de acção etc. Mas as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o género, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. (Sarmento, 2005, p. 370, grifo do autor).

Logo, pode-se concluir que não existe apenas uma forma de ser criança, e assim podemos considerar que não existe infância, contudo infâncias, no plural. Jenks, (2002, p.190) explica a razão pela qual a compreensão de uma infância universal prevalece entre os adultos ao destacar que “[...] Ser criança, ter sido criança, ter crianças e ter de se relacionar continuamente com crianças são experiências que tornam esta categoria ‘normal’ e rapidamente transformável em categoria ‘natural’ [...]”.

A compreensão da criança, da infância, do comportamento infantil e das brincadeiras de crianças requerem abordagens explicativas distintas [...] O mundo é povoado por crianças e pela influência da diversidade que elas trazem consigo. (JENKS, 2002, p. 196).

O advento da tecnologia contribui significativamente na construção do conceito de infância moderna. Fundamento-me em Sarmento (2005, p. 366) que diz: “a introdução dos

jogos vídeos e informáticos alterou parcialmente o tipo de brinquedos e o uso do espaço-tempo lúdico das crianças, gerou novas linguagens e desenvolveu apetências de consumo.”

É indiscutível que a *internet*, as mídias e as redes sociais são importantes ferramentas de comunicação e interação global. A *internet* diariamente dispõe um leque de conteúdos dirigidos a todas as faixas-etárias, inclusive as crianças que estão cada vez mais imersas nesse contexto midiático.

Devido a influência da mídia muitos adultos cogitam a possibilidade - e com ela a preocupação - de a infância estar sendo “perdida”, uma vez que quando pensam nesse período da vida, dentro daquilo que esperam das crianças, imediatamente os vêm à mente pureza, delicadeza, inocência (características da já apresentada infância apolínea) e esperança.

Porém, segundo muitos adultos, esses atributos parecem corriqueiramente se apartar das crianças da modernidade e em meio a tanta inquietação se discute o real sentido da infância, pois a visão adultocêntrica lamenta e afirma que a cada dia é mais difícil separar o mundo da criança do mundo do adulto e assim chegam até mesmo a questionar se, afinal, tivemos avanços ou retrocessos no que tange ao conceito de infância.

Para a grande maioria dos adultos é como se a mídia promovesse em abismo entre a criança e a inocência. Desta forma alegam que a cada dia é possível perceber a manifestação de crianças nas redes sociais adotando posturas que segundo eles (adultos) são consideradas impróprias para a infância.

Temos como exemplo Gabriela Abreu e Pedro Maia, artisticamente conhecidos como *Mc Melody* e *Mc Pedrinho*, atualmente ela tem 15 e ele 20 anos de idade, todavia iniciaram a carreira no *funk* com 8 e 11 anos de idade respectivamente.

Ambos, juntamente com seus respectivos tutores, foram muito criticados por tal iniciativa, posto que na perspectiva do adultocentrismo é como se esses dois jovens, na época crianças, estivessem trilhando um caminho tortuoso que concomitantemente desvirtuaria outras crianças e os culpados seriam seus familiares e empresários por permitir e até mesmo influenciar tal prática, sem de fato considerar a opinião dos envolvidos principais, isto é, *Melody* e *Pedrinho*, ou mesmo invocar qual lei de proteção à criança estaria sendo violada e qual a diferença de ambos para outras crianças trabalhadoras do meio artístico ou até esportivo.

A partir daí surge os questionamentos do porquê há uma aceitação do discurso social da criança trabalhar em outros setores do meio artístico e esportivos, como no caso dos atores de televisão, daqueles que desde muito cedo são inscritos em escolinhas de futebol para tentar a carreira no esporte, dos/das modelos infantis ou até mesmo cantores mirins de outros gêneros musicais.

O gênero musical *funk* é bastante criticado em nossa sociedade e bem como outros assuntos tidos como polêmicos divide opiniões, há quem aprecie, há quem o repudie, todavia o que se pode notar é que mesmo com as rejeições e críticas, que partem de uma cultura moralista, esse é tendência no território brasileiro e cada vez mais conquista apreciadores, conforme anuncia Facina (2009) “marcadamente ligado ao público jovem, o *funk* é um dos maiores fenômenos de massa do Brasil.”

O que torna o *funk* polêmico e uma ameaça para a infância apolínea, que os adultocentricos insistem em preservar, é o fato desse gênero musical englobar em sua estrutura (a exceções) letras eróticas, com insinuações pornográficas que se apropriam de xingamentos e depreciam o corpo feminino e além de apresentarem teor sexual também fazem menção a ostentação, violência e drogas (lícitas e ilícitas) estando em diversos momentos associado a criminalidade, mais especificamente ao tráfico de drogas, destarte não estando condizente com a “genuinidade infantil”.

É importante enfatizar que o *funk* ganhou ainda mais notoriedade com o advento das “modinhas”, dos/ das *influencies* digitais e de aplicativos de dança como o *TikTok*, o que viabilizou que mais crianças tivessem acesso ao vocábulo, coreografias e vestuários assexuados inerentes desse ritmo musical. No entanto, é importante frisar que temas como sexo, violência, drogas, entre outros não são exclusivos do *funk*, mas estão presentes também em outros gêneros musicais e muitos artistas os aludem de modo ambíguo, bem como de modo destrinchado. O que de fato comprova que o *funk* é um incômodo de classe.

O *TikTok*, aplicativo de elaboração de conteúdos onde os usuários têm autonomia para elaborar e compartilhar vídeos breves de no máximo 60 segundos, se popularizou no mundo inteiro sendo caracterizado por apresentar desafios de danças, dublagens e demais conteúdos de viés artístico, exhibe aspectos dionisíacos ao viabilizar o estímulo a criatividade e o desenvolvimento de habilidades artísticas, sob outro enfoque, há quem considere a plataforma como uma fonte de má influência que propaga conteúdos inadequados para as crianças.

Enquanto as *Member Berries* são a reprodução das memórias de um tempo passado com teor de nostalgia Felipe Neto, *You Tuber* bastante popular no Brasil, produz vídeos com foco no presente, isto é, abarcando diversos temas contemporâneos que são por muitos tidos como polêmicos, sendo eles religião, sexualidade, política, feminismo, etc. Alguns adultos julgam a influência de Felipe Neto sobre as crianças como algo danoso, isto porque o *You Tuber* expõe de modo ousado o seu posicionamento acerca de assuntos considerados inadequados para a idade das crianças e que divergem do conservadorismo social.

Bart Simpson é mais uma representação do conceito dionisíaco, uma vez que tal personagem infantil, tão semelhante as características do deus Dionísio, é apresentado como um boêmio, rebelde que vive conforme seu arbítrio, deste modo afronta o sistema conservador e adultocêntrico que acha que deve proteger as crianças de tudo e todos que possam lhes ser uma má influência.

Vicent Adultman é um personagem mítico que compõe a série animada *Bojack Horseman*. Ele é um adulto que se comporta como uma criança, no múnus de trapacear seus colegas de trabalho. Este é mais uma figura pertinente no que diz respeito às interpretações dionisíacas, visto que apresenta natureza impetuosa e leviana. Ele busca enganar os que estão em sua volta usando seu aspecto infantil para alcançar seus objetivos. Essa ação é remanescente do traço inconsequente do deus Dionísio que muitas vezes se comportava de modo impulsivo sem se importar com os efeitos de seus atos.

Ademais, *Vicent* é um personagem que provoca o caos. É bastante desordeiro, semelhante a imagem social que as crianças possuem. Aparentemente este se apraz em fazer baderna e ver os resultados desta prática que é similar a representação dionisíaca da indisciplina e da anarquia. Em suma, *Vicent* apresenta a característica da liberdade. Ele não se importa com os padrões estabelecidos pela sociedade, o personagem tem autonomia para fazer o que lhe convém, o que indubitavelmente personifica a natureza dionisíaca da liberdade e dos impulsos.

As crianças são protegidas até mesmo das consequências de seus atos. Um exemplo claro de crianças dionisíacas é aquelas que estão em conflito com a lei, isto é, aquelas que praticam infrações, que recalcitram o conjunto de normas que regem uma sociedade mediante ações como: apropriações indevidas de algo alheio, vandalismo, uso de substâncias alucinógenas e entorpecentes, violência, etc. O procedimento considerado adequado para tais crianças é claramente distinto do tratamento oferecido aos adultos que praticam os mesmos delitos.

Segundo a legislação brasileira estas não possuem capacidade de discernimento, assim pois a princípio são avaliadas como crianças, com todas as características atribuídas a esse grupo (inocência, fragilidade, necessidade de serem protegidas...) e só depois são avaliadas como delinquentes.

4 CAPÍTULO DE DEBATE

Os sentimentos acerca da infância são constituídos por um paradoxo, dado que quando se é criança é perceptível uma urgência em amadurecer e se tornar “gente grande” e quando finalmente o sujeito alcança a tão sonhada fase adulta anseia voltar no tempo e reviver a infância.

Sentimento que é exposto na letra da canção *Era uma vez* (2018) nos versos */É que a gente quer crescer e quando cresce quer voltar do início, porque um joelho ralado dói bem menos do que um coração partido...* Estes versos deixam em evidência o quanto as crianças se sentem ávidas para viver a fase adulta.

No entanto, os versos seguintes: */Dava pra ver, a ingenuidade e a inocência cantando no tom/ Milhões de mundos e universos tão reais quanto a nossa imaginação/ Bastava um colo, um carinho e o remédio era beijo e proteção/ Tudo voltava a ser novo no outro dia sem muita preocupação.* Deixam implícito que quando este desejo se concretiza o indivíduo se depara com adversidades e encargos tendo que lidar com dores, exaustão emocional e preocupações que não existiam na infância, daí vem as lembranças do passado, mais especificamente de uma fase em que tudo parecia ser perfeito e que as únicas dores sofridas eram simples arranhões.

Em entrevista ao jornal Extra (1998) a cantora e compositora da canção, Kell Smith, explica de onde surgiu a inspiração para escreve-la ela declara, “Perguntei aos meus amigos do que eles sentiam falta. E todos falaram sobre a infância. Depois, quando mostrei a música à minha banda, todos ficaram emocionados. Foi bem especial.”

Este sentimento é denominado como saudosismo e acompanha os adultos juntamente com a sensação de *locus amoenus*, isto é, da infância como um paraíso perdido, como algo que já não existe ou que está prestes a não mais existir, seria a morte da infância. Acerca desta questão Castro (2002) faz os seguintes questionamentos:

Frequentemente tem se afirmado que a infância acabou... Como e por que a infância, e somente a infância, pode ser considerada como morta, acabada? Por que não surge com igual força simbólica, no horizonte de inquietações pertinentes ao espírito da nossa época, a morte da adolescência, ou ainda a morte da adultidade? Acabou a adultidade? Parece que não. Se só a infância pode morrer, e morre basicamente para nós adultos (as crianças não me parecem tão preocupadas a respeito de sua própria morte!), talvez não seja de todo impertinente indagar qual a ansiedade/ angústia de morte que a infância de hoje nos evoca? Que profundos complexos são mobilizados em nós adultos para que perguntemos, cheios de temor e inquietação, ‘morreu a infância’? como? Por quê? Ou ainda, de quem foi a ‘culpa’? quem a matou? (CASTRO, 2002, p. 48, grifos do autor).

Castro (2002, p. 48) ainda salienta que este sentimento de infância perdida só existe devido a concepção da infância “tal como a concebemos: inocente, frágil, pueril”. A mencionada autora complementa que:

[...] crianças e adultos são, em qualquer cultura humana, nos dizem os antropólogos, consideradas diferentes, mas sabe-se que essa diferença varia segundo épocas e culturas, ou seja, a diferença é produzida social e historicamente. Assim, a afirmação de que a ‘infância acabou’ desconsidera a produção social da diferença, uma vez que o que morre é *aquela infância* que conhecemos num determinado momento histórico [...] (CASTRO, 2002, p. 49, grifos do autor).

A geração conservadora anseia voltar a um mundo como ele era, isto é, como um modelo estável e clássico de princípios, crenças, hábitos e relações sociais, em que a sociedade era organizada conforme graus de subordinação, e o poder e a moralidade eram preponderantes. Em que as transformações aconteciam de modo paulatino sendo norteadas pelos ideais do tradicionalismo.

Através do exemplo já citado das *Member Berries*, pode-se perceber que tal geração olha com receio e pessimismo para as mudanças que se deram nos últimos anos, tais como: a diversidade cultural, de gênero, de orientação sexual, as distintas maneiras de expressar a fé, o emponderamento e autonomia da mulher, sobretudo no mercado de trabalho, o avanço tecnológico, a globalização, etc.

Os tradicionalistas julgam que a conservação de valores e costumes é basilar para se viver em um mundo melhor. Ainda analisando a letra de Era uma vez (2018) podemos perceber a presença muito forte da concepção de que o mundo não é mais um ambiente seguro de viver, os versos a seguir validam esta afirmação: *Dá pra viver mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau / É só não permitir que a maldade do mundo te pareça normal*.

As noções conservadoras que asseguram que a vida era melhor antigamente é uma convicção que se fundamenta no saudosismo, que dá origem a uma divinização do passado. De acordo com esse parecer, a sociedade e a cultura foram se perdendo com o passar do tempo, pervertendo os padrões éticos e os costumes que seriam mais respeitáveis em comparação ao contexto moderno.

Esse modelo tradicional preserva a imutabilidade e possui aversão as modificações vertiginosas que possam apresentar algum risco à organização estipulada, como por exemplo a presença das tecnologias midiáticas, como afirma Othon (2021, p. 224) ao abordar que “[...] há, [...] a construção de uma infância baseada na nostalgia proveniente dos ideais modernos, reforçada por discursos adultos e protagonizada pela presença de tecnologias midiáticas.”

Logo, podemos presumir que os sentimentos nostálgicos acerca da infância existem porque os adultos preservam as memórias de um determinado período em que viveram essa etapa da vida, e o que explica a sensação de *locus amoenus* é a ânsia de reproduzir nas crianças de hoje suas próprias experiências passadas, sem compreender que há uma pluralidade de infâncias que se encontram em contínuo processo de ressignificação e suas vertentes se distinguem conforme o tempo, divisão de classes, gênero, raça, costumes e valores que diferenciam os grupos sociais. Ainda com foco no parecer de Castro (2002) pode-se concluir que:

A infância universalizada nas práticas socioculturais que lhe deram um estatuto de inocência e fragilidade não seria, então, a meu ver, nada mais que uma narrativa, uma ficção por onde a racionalidade ocidental moderna construiu através de marcos etários rígidos e universais, o acesso à ‘idade da razão’, ou ainda, a plena cidadania, [...] Esta infância por certo hoje morre, e acrescentaria, deve morrer, na medida em que, enquanto narrativa que orienta a ação no mundo dos vivos, se torna cada vez mais inadequada para explicar a relação entre adulto e criança, no mundo contemporâneo. [...] morre esta infância apenas para dar lugar a outra ou outras. (CASTRO, 2002, p. 51).

O saudosismo não se trata de um constituinte político nítido. Todavia, os princípios conservadores que estão em vigor neste sentimento podem impactar no modo como as políticas públicas são conduzidas em uma sociedade que valoriza a taciturnidade pela ausência de um contexto que já não mais existe.

As concepções que apoiam o saudosismo pregam a irresponsabilidade parental e a degradação de valores morais como elementos que acarretam o crescente número de casos de crianças e adolescentes envolvidos na criminalidade. Em contrapartida, outros críticos defendem que o saudosismo pode ser prejudicial e gerar coações para crianças, dado que fomenta ideias preconcebidas que bloqueiam suas especificidades e autonomia.

Estamos diante um confronto entre a geração *nutella* e a geração *raiz*, ambos são termos empregados popularmente e marcam as divergências entre as gerações mais novas e as mais velhas. A geração *nutella* diz respeito a geração atual que possui hábitos, crenças, valores e uma cultura que desafia o modelo conservador, esta é vista como aquela que vive resguardada, que não enfrenta grandes dificuldades e que é tida como mais frágil e dramática. Já a geração *raiz* é analisada como uma geração mais forte, que viveu em um ambiente desafiador que não possuía muitos recursos. Estes são vistos como mais pragmáticos.

Devido ao fato da atual geração ser impactada pelo avanço tecnológico que, garante o fácil acesso às informações, e por habitarem um espaço cultural que não compartilha das mesmas características das quais estão familiarizados, a geração *raiz* vê, com base em uma

avaliação subjetiva, posto que está diretamente vinculada a valores e costumes de cada sujeito, e sem considerar que cada geração possui um contexto cultural específico como já apresentado mediante as concepções de Castro (2002), o conjunto de pessoas da mesma época que se enquadra no grupo *nutella* como uma geração que apresenta uma deficiência cultural, entre outros motivos que desagradam, está o que acessam no *You Tube*, tal qual a apreciação das músicas que são produzidas e veiculadas atualmente e que julgam não ser de qualidade.

A preocupação com os hábitos das crianças e jovens sempre apareceu na história da humanidade e os adultocentricos consideram que as crianças da atualidade estão colocando o planeta em risco, tendo em vista que para o adultocentrismo, além de serem analisada do ponto de vista biológico, como já mencionado, as crianças são apenas o projeto de um futuro “melhor”.

Kramer (2000, p. 12) pontua que “a ideia de infância como esperança de um melhor futuro, [...] retira as crianças de suas condições sociais e econômicas e [...] abre mão de pensar o próprio presente”. Deste modo, a tarefa de construir um mundo melhor é atribuída às crianças enquanto políticos, pais, professores, adultos em particular se abstêm desta responsabilidade no presente.

A geração *raiz* sente um incômodo bastante acentuado com o fato de não ter domínio absoluto sobre as crianças da modernidade que estão cada vez mais autônomas. Consideram que as crianças da geração *nutella* são mais sensíveis, não sofrem e não podem ser advertidas, o que também é uma crítica de gênero.

O principal destes incômodos é devido ao fato da violência mediar menos as relações sociais, ou seja, pais/ responsáveis e educadores não podem bater nos filhos/ alunos como era de costume outrora, posto que violência física como método de disciplina não é mais aceita pela sociedade atual, ademais a legislação brasileira proíbe e pune tal prática, pois o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069/1990, determina em seu artigo 18 que é “dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

E assim, pais, responsáveis, professores e adultos no geral são orientados a não mais utilizarem de castigos físicos, e sim a buscar opções mais brandas que não ameace a integridade física das crianças, como por exemplo o diálogo.

Entretanto, a sociedade conservadora acredita que os castigos físicos eram mais eficazes para se ganhar o respeito das crianças e mantê-las submissas. Deste modo, o patriarcado permaneceria com autoridade incontestável, e o adultocentrismo não seria abalado.

O adultocentrismo pode ser compreendido como controle e planejamento que os adultos têm sobre as crianças e ele pode ser percebido em várias esferas da sociedade, na família, na escola, na política, etc. A título de exemplo, na família pais/ responsáveis estabelecem os afazeres que as crianças devem cumprir, decidem o que devem vestir, a hora que devem dormir, o que devem comer, entre outras coisas. Nas instituições escolares, o currículo e as regras são determinadas sem o envolvimento dos educandos e nos governos, as políticas públicas são pensadas segundo as exigências dos adultos, ignorando as necessidades e anseios das crianças.

Segundo Costa (1989) o comportamento da infância sempre se constitui um problema, sendo constantemente alvo de mudanças que inquietaram pais, autoridades, médicos, educadores... adultos.

Os sentimentos acerca da infância são constituídos por um paradoxo, dado que quando se é criança é perceptível uma urgência em amadurecer e se tornar “gente grande” e quando finalmente o sujeito alcança a tão sonhada fase adulta anseia voltar no tempo e reviver a infância.

Sentimento que é exposto na letra da canção *Era uma vez* (2018) nos versos */É que a gente quer crescer e quando cresce quer voltar do início, porque um joelho ralado dói bem menos do que um coração partido...* Estes versos deixam em evidência o quanto as crianças se sentem ávidas para viver a fase adulta,

No entanto, os versos seguintes: */ Dava pra ver, a ingenuidade e a inocência cantando no tom/ Milhões de mundos e universos tão reais quanto a nossa imaginação/ Bastava um colo, um carinho e o remédio era beijo e proteção/ Tudo voltava a ser novo no outro dia sem muita preocupação.* Deixam implícito que quando este desejo se concretiza o indivíduo se depara com adversidades e encargos tendo que lidar com dores, exaustão emocional e preocupações que não existiam na infância, daí vem as lembranças do passado, mais especificamente de uma fase em que tudo parecia ser perfeito e que as únicas dores sofridas eram simples arranhões.

Em entrevista ao Jornal Extra (1998) a cantora e compositora da canção, *Kell Smith*, explica de onde surgiu a inspiração para escreve-la ela declara, “Perguntei aos meus amigos do que eles sentiam falta. E todos falaram sobre a infância. Depois, quando mostrei a música à minha banda, todos ficaram emocionados. Foi bem especial.”

Este sentimento é denominado como saudosismo e acompanha os adultos juntamente com a sensação de *locus amoenus*, isto é, da infância como um paraíso perdido, como algo que já não existe ou que está prestes a não mais existir, seria a morte da infância. Acerca desta questão Castro (2002) faz os seguintes questionamentos:

Frequentemente tem se afirmado que a infância acabou... Como e por que a infância, e somente a infância, pode ser considerada como morta, acabada? Por que não surge com igual força simbólica, no horizonte de inquietações pertinentes ao espírito da nossa época, a morte da adolescência, ou ainda a morte da adultidade? Acabou a adultidade? Parece que não. Se só a infância pode morrer, e morre basicamente para nós adultos (as crianças não me parecem tão preocupadas a respeito de sua própria morte!), talvez não seja de todo impertinente indagar qual a ansiedade/ angústia de morte que a infância de hoje nos evoca? Que profundos complexos são mobilizados em nós adultos para que perguntemos, cheios de temor e inquietação, ‘morreu a infância’? como? Por quê? Ou ainda, de quem foi a ‘culpa’? quem a matou? (CASTRO, 2002, p. 48, grifos do autor).

Castro (2002, p. 48) ainda salienta que este sentimento de infância perdida só existe devido a concepção da infância “tal como a concebemos: inocente, frágil, pueril”. A mencionada autora complementa que:

[...] crianças e adultos são, em qualquer cultura humana, nos dizem os antropólogos, consideradas diferentes, mas sabe-se que essa diferença varia segundo épocas e culturas, ou seja, a diferença é produzida social e historicamente. Assim, a afirmação de que a ‘infância acabou’ desconsidera a produção social da diferença, uma vez que o que morre é *aquela infância* que conhecemos num determinado momento histórico [...] (CASTRO, 2002, p. 49, grifos do autor).

A geração conservadora anseia voltar a um mundo como ele era, isto é, como um modelo estável e clássico de princípios, crenças, hábitos e relações sociais, em que a sociedade era organizada conforme graus de subordinação, e o poder e a moralidade eram preponderantes. Em que as transformações aconteciam de modo paulatino sendo norteadas pelos ideais do tradicionalismo.

Através do exemplo já citado das *Member Berries*, pode-se perceber que tal geração olha com receio e pessimismo para as mudanças que se deram nos últimos anos, tais como: a diversidade cultural, de gênero, de orientação sexual, as distintas maneiras de expressar a fé, o emponderamento e autonomia da mulher, sobretudo no mercado de trabalho, o avanço tecnológico, a globalização, etc.

Os tradicionalistas julgam que a conservação de valores e costumes é basilar para se viver em um mundo melhor. Ainda analisando a letra de Era uma vez (2018) podemos perceber a presença muito forte da concepção de que o mundo não é mais um ambiente seguro de viver, os versos a seguir validam esta afirmação: *Dá pra viver mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau / É só não permitir que a maldade do mundo te pareça normal*.

As noções conservadoras que asseguram que a vida era melhor antigamente é uma convicção que se fundamenta no saudosismo, que dá origem a uma divinização do passado. De

acordo com esse parecer, a sociedade e a cultura foram se perdendo com o passar do tempo, pervertendo os padrões éticos e os costumes que seriam mais respeitáveis em comparação ao contexto moderno.

Esse modelo tradicional preserva a imutabilidade e possui aversão as modificações vertiginosas que possam apresentar algum risco à organização estipulada, como por exemplo a presença das tecnologias midiáticas, como afirma Othon (2021, p. 224) ao abordar que “[...] Há, [...] a construção de uma infância baseada na nostalgia proveniente dos ideais modernos, reforçada por discursos adultos e protagonizada pela presença de tecnologias midiáticas.”

Logo, podemos presumir que os sentimentos nostálgicos acerca da infância existem porque os adultos preservam as memórias de um determinado período em que viveram essa etapa da vida, e o que explica a sensação de *locus amoenus* é a ânsia de reproduzir nas crianças de hoje suas próprias experiências passadas, sem compreender que há uma pluralidade de infâncias que se encontram em contínuo processo de ressignificação e suas vertentes se distinguem conforme o tempo, divisão de classes, gênero, raça, costumes e valores que diferenciam os grupos sociais. Ainda com foco no parecer de Castro (2002) pode-se concluir que:

A infância universalizada nas práticas socioculturais que lhe deram um estatuto de inocência e fragilidade não seria, então, a meu ver, nada mais que uma narrativa, uma ficção por onde a racionalidade ocidental moderna construiu através de marcos etários rígidos e universais, o acesso à ‘idade da razão’, ou ainda, a plena cidadania, [...] Esta infância por certo hoje morre, e acrescentaria, deve morrer, na medida em que, enquanto narrativa que orienta a ação no mundo dos vivos, se torna cada vez mais inadequada para explicar a relação entre adulto e criança, no mundo contemporâneo. [...] morre esta infância apenas para dar lugar a outra ou outras. (CASTRO, 2002, p. 51).

O saudosismo não se trata de um constituinte político nítido. Todavia, os princípios conservadores que estão em vigor neste sentimento podem impactar no modo como as políticas públicas são conduzidas em uma sociedade que valoriza a taciturnidade pela ausência de um contexto que já não mais existe.

As concepções que apoiam o saudosismo pregam a irresponsabilidade parental e a degradação de valores morais como elementos que acarretam o crescente número de casos de crianças e adolescentes envolvidos na criminalidade. Em contrapartida, outros críticos defendem que o saudosismo pode ser prejudicial e gerar coações para crianças, dado que fomenta ideias preconcebidas que bloqueiam suas especificidades e autonomia.

Estamos diante um confronto entre a geração *nutella* e a geração *raiz*, ambos são termos empregados popularmente e marcam as divergências entre as gerações mais novas e as mais velhas. A geração *nutella* diz respeito a geração atual que possui hábitos, crenças, valores e uma cultura que desafia o modelo conservador, esta é vista como aquela que vive resguardada, que não enfrenta grandes dificuldades e que é tida como mais frágil e dramática. Já a geração *raiz* é analisada como uma geração mais forte, que viveu em um ambiente desafiador que não possuía muitos recursos. Estes são vistos como mais pragmáticos.

Devido ao fato da atual geração ser impactada pelo avanço tecnológico que, garante o fácil acesso às informações, e por habitarem um espaço cultural que não compartilha das mesmas características das quais estão familiarizados, a geração *raiz* vê, com base em uma avaliação subjetiva, posto que está diretamente vinculada a valores e costumes de cada sujeito, e sem considerar que cada geração possui um contexto cultural específico como já apresentado mediante as concepções de Castro (2002), o conjunto de pessoas da mesma época que se enquadra no grupo *nutella* como uma geração que apresenta uma deficiência cultural, entre outros motivos que desagradam, está o que acessam no *You Tube*, tal qual a apreciação das músicas que são produzidas e veiculadas atualmente e que julgam não ser de qualidade.

A preocupação com os hábitos das crianças e jovens sempre apareceu na história da humanidade e os adultocentricos consideram que as crianças da atualidade estão colocando o planeta em risco, tendo em vista que para o adultocentrismo, além de serem analisada do ponto de vista biológico, como já mencionado, as crianças são apenas o projeto de um futuro “melhor”.

Kramer (2000, p. 12) pontua que “a ideia de infância como esperança de um melhor futuro, [...] retira as crianças de suas condições sociais e econômicas e [...] abre mão de pensar o próprio presente”. Deste modo, a tarefa de construir um mundo melhor é atribuída às crianças enquanto políticos, pais, professores, adultos em particular se abstêm desta responsabilidade no presente.

A geração *raiz* sente um incômodo bastante acentuado com o fato de não ter domínio absoluto sobre as crianças da modernidade que estão cada vez mais autônomas. Consideram que as crianças da geração *nutella* são mais sensíveis, não sofrem e não podem ser advertidas, o que também é uma crítica de gênero.

O principal destes incômodos é devido ao fato da violência mediar menos as relações sociais, ou seja, pais/ responsáveis e educadores não podem bater nos filhos/ alunos como era de costume outrora, posto que violência física como método de disciplina não é mais aceita pela sociedade atual, ademais a legislação brasileira proíbe e pune tal prática, pois o Estatuto da

Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069/1990, determina em seu artigo 18 que é “dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

E assim, pais, responsáveis, professores e adultos no geral são orientados a não mais utilizarem de castigos físicos, e sim a buscar opções mais brandas que não ameace a integridade física das crianças, como por exemplo o diálogo.

Entretanto, a sociedade conservadora acredita que os castigos físicos eram mais eficazes para se ganhar o respeito das crianças e mantê-las submissas. Deste modo, o patriarcado permaneceria com autoridade incontestável, e o adultocentrismo não seria abalado.

O adultocentrismo pode ser compreendido como controle e planejamento que os adultos têm sobre as crianças e ele pode ser percebido em várias esferas da sociedade, na família, na escola, na política, etc. A título de exemplo, na família pais/ responsáveis estabelecem os afazeres que as crianças devem cumprir, decidem o que devem vestir, a hora que devem dormir, o que devem comer, entre outras coisas. Nas instituições escolares, o currículo e as regras são determinadas sem o envolvimento dos educandos e nos governos, as políticas públicas são pensadas segundo as exigências dos adultos, ignorando as necessidades e anseios das crianças.

Segundo Costa (1989) o comportamento da infância sempre se constitui um problema, sendo constantemente alvo de mudanças que inquietaram pais, autoridades, médicos, educadores... adultos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos argumentos apresentados os estudos sociais/ da sociologia têm colaborado significativamente para as discussões contemporâneas sobre adultocentrismo, que é a predisposição de colocar os adultos no cerne das relações sociais e culturais, suprimindo o protagonismo das crianças.

A perspectiva apolínea vê a infância exclusivamente como uma fase preparativa para a vida adulta. Essa abordagem frequentemente minimiza a característica fundamentalmente social e cultural da infância desconsiderando a importância da criatividade e da autonomia no desenvolvimento da criança.

Sob outro enfoque, a perspectiva dionisíaca destaca a indispensabilidade da curiosidade, da criatividade e da autonomia. Essa abordagem examina as crianças como sujeitos dinâmicos no desenvolvimento de seus aspectos sociais e culturais e reconhece a necessidade de propiciar ambientes que as permitam explorar o mundo e se expressarem espontaneamente.

A mídia efetua um papel significativo como realizadora da infância dionisíaca, na medida que expõe conteúdos que suscitam a imaginação e a inventividade das crianças. Desenhos animados, filmes, jogos e outros tipos de entretenimento fomentam o interesse dos pequenos tornando-os diligentes para experimentar o mundo de forma espontânea. Ademais, a mídia expande o prisma dionisíaco ao elucidar temas delicados que abrangem a sociedade como: violência, drogas, sexo, etc.

A infância dionisíaca pode ser vista como uma profecia autorrealizável. De modo sucinto uma profecia autorrealizável seria aquela concepção a princípio falsa que se materializa tornando-se verdadeira, devido a própria crença daqueles que acreditam que ela irá se cumprir.

Há uma crença popular de que as experiências da vida na infância irão resplandecer na vida adulta. Suponhamos que uma criança não se encaixa dentro dos padrões determinados pelos adultos, que ela não é disciplinada, meiga, pura, exatamente como esperam que ela seja, e ao invés disso apresenta comportamento agressivo e rebelde, automaticamente surgirão profecias afirmando que esta criança no futuro se tornará um adulto que ameaçará a ordem social, tornando-se assim um delinquente.

Os estudos sociais/ da sociologia têm apontado que o adultocentrismo é a representação de uma concepção conservadora das relações sociais, que desvaloriza as ideias e os interesses das crianças. Os distintos grupos etários se desenvolvem em contextos políticos, sociais, econômicos e culturais diferentes que orientam suas perspectivas, valores e condutas. O choque entre essas diferentes visões de mundo provoca dissensões e conflitos intergeracionais. Deste

modo, é comum que a geração mais velha acredite que a mais nova seja inferior culturalmente e humanamente.

O tempo e a maturidade são elementos cruciais que suscitam o saudosismo, em virtude de que este é uma característica cultural do adulto que insiste em preservar as memórias do passado juntamente com o desejo de retornar a ele.

E de acordo com concepções apresentadas sobre as perspectivas apolíneas e dionisíacas podemos considerar que ambas devem ser ajustadas, reconhecendo tanto a relevância da expansão intelectual e moral, como a magnitude da criatividade e da autonomia na vida das crianças.

Em vista do que foi exposto, as discussões contemporâneas sobre o papel das crianças na sociedade têm sido impactadas pelos trabalhos sociais/ da sociologia mediante o trabalho de alguns estudiosos que aqui foram citados, que defendem a necessidade de modificar as concepções atuais sobre a existência de uma infância universal, além de proporcionar ambientes democráticos para que as crianças possam manifestar-se e desenvolver-se em igualdade de condições com os adultos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 179-197, dez. 2009.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASH, Russell; HIGTON, Bernard. *Fábulas de Esopo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOJACK HORSEMAN. Criação: Rafael Bob-Waksberg. Estados Unidos: Netflix, 2014. Série.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

CASTRO, Lucia Rabello de. A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun. 2002.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

ERA UMA VEZ. Intérpretes: Sandy e Júnior; Toquinho. Compositores: Álvaro Socci; Cláudio Matta. In: SANDY E JÚNIOR. *Era uma vez... ao vivo*. São Paulo: PolyGram, 1988. 1 CD, faixa 1.

ERA UMA VEZ. Intérprete: Kell Smith. Compositora: Keila Cristina Gomes dos Santos. In: SMITH, Kell. *Girassol*. São Paulo: Midas Music, 2018. Faixa 3.

FACINA, Adriana. “Não me bate doutor”: funk e criminalização da pobreza. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador, 2009.

JENKS, Chris. Constituindo a criança. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 17, p. 185-215, 2002.

KELL SMITH fala do sucesso de “Joelho Ralado” e se emociona com filha de 3 anos. *Extra*, Rio de Janeiro, 28 dez. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/kell-smith-fala-do-sucesso-de-um-joelho-ralado-se-emociona-com-filha-de-3-anos-22233719.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. *Revista Teias*, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2000.

LIMA, Regina Cândido; SANTOS, Silva. Igualdade e a proibição de discriminação: análise da proibição de ingresso de crianças em estabelecimentos abertos ao público. *Revista de la Facultad de Derecho de México*, v. 71, n. 279, p. 255-284, 2021.

MATILDA. Direção: Danny DeVito. Estados Unidos, 1996. Filme.

MONDRIAN, Piet. *Composition with Yellow, Red, and Blue*. 1917-1918. Pintura. Museu Kröller-Müller, Otterlo.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, ago. 2006.

NETO, Felipe. Canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/@felipeneto/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

O QUE É, O QUE É?. Intérprete e compositor: Gonzaguinha. In: GONZAGUINHA. *Caminhos do coração*. Rio de Janeiro: EMI, 1982. Faixa 1. Disponível em: <https://www.discogs.com>. Acesso em: 27 jun. 2023.

OTHON, Renata. *Infância conectada: contextos, práticas e sentidos de crianças nas redes sociais online*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

PRESTES, Zoia. A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 295-304, maio/ago. 2013.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2011.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. *Revista Educação e Fronteiras*, Dourados,

v. 3, p. 90-104, 2015. Disponível em:

<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5184>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. 2003. Disponível em:

<http://www.iec.minho.pt>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SOUTH PARK. Criação: Trey Parker; Matt Stone. Estados Unidos: Viacom Studios, 1997. Série.

SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*. São Paulo: Editora Abril, 1960-2023.

THE SIMPSONS. Criação: Matt Groening. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1989. Série.